

# Terra Indígena Pindaré

## Bom Jardim MA

PROJETO

# Mapeamento Social

como Instrumento  
de Gestão Territorial  
contra o Desmatamento  
e a Devastação

PROCESSO DE CAPACITAÇÃO DE POVOS  
E COMUNIDADES TRADICIONAIS



# 6



**NOVA CARTOGRAFIA  
SOCIAL DA AMAZÔNIA**





#### Participantes do Curso e da Oficina de mapas:

**Pedro Guajajara, Antônio Francisco Viana, Reginete Viana Guajajara, Luana Andrade Guajajara, Roberto Tembê, Domingos Guajajaras, Lucinaldo Viana Guajajara, Manuel Guajajara, Tatiane Caragiu Guajajara, Carlito Viana Guajajara, Júlio Cesar Guajajara, Anísio Filho Pereira Guajajara**

#### Realização:

Aldeias da Terra Indígena Pindaré

#### Pesquisa de Campo

Data do curso de capacitação Direitos Territoriais:

16 a 18 de maio de 2013

Curso de Capacitação em GPS dias 19 e 20 de maio de 2013

Reunião: 25 de outubro de 2013

Data da Oficina de Mapa: 07 a 09 de Janeiro de 2014

M297 Mapeamento social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação: processo de capacitação de povos e comunidades tradicionais: quilombolas do rio Andirá: Quem é o dono da terra: desmatamento e conflito na terra indígena Pindaré, 6/ coordenação geral do projeto, Alfredo Wagner Berno de Almeida; equipe de pesquisa, Davi Pereira Júnior ... [et al.]. – Manaus: UEA, 2014.

12 p.: il. color.; 27 cm.

ISBN 978-85-7883-278-0 (Projeto Mapeamento Social como Instrumento de Gestão Territorial; 6)

1. Conflitos sociais. 2. Terras indígenas – Pindaré – Maranhão. 3. Comunidades tradicionais. 4. Desmatamento. 5. Territorialidade. 6. Cartografia. I. Almeida, Alfredo Wagner Berno de. II. Pereira Júnior, Davi.

CDU 528.9:316.48(812.1)

© UEA-Edições – Manaus, 2014

#### COORDENAÇÃO GERAL DO PROJETO

Alfredo Wagner Berno de Almeida

PPGSCA-UFAM/CNPQ/FAPEAM

#### EQUIPE DE PESQUISA

Davi Pereira Júnior UEMA/GESEA/PNCSA

Helciane de Fatima Abreu Araujo GESEA/UEMA/PNCSA

Benjamim Alvino de Mesquita PNCSA/UFMA

Luciana Railza Cunha Alves UEMA/PNCSA

(mestranda em Cartografia Social e Política da Amazônia)

Adaildo Pereira Santos GESEA/UEMA/PNCSA

(mestrando em Cartografia Social e Política da Amazônia)

Mariana Leal Conceição Nobrega UNICAMP/PNCSA

(mestranda em Geografia)

Gyordanna Patrícia Pereira da Silva GESEA/PNCSA

Danilo da Conceição Serejo Lopes UEMA/PNCSA

(mestrando em Cartografia Social e Política da Amazônia)

#### COLABORADORES

Elson Gomes UEMA (estudante de Pedagogia)

Cliciane França Costa UEMA

(estudante de Graduação de Ciências Sociais)

Francisca Raquel dos Santos UFMA

(quilombola e estudante de Graduação de Pedagogia)

Tacilvan Silva Alves UEMA/GESEA

(estudante de Graduação em Ciências Sociais)

Francisca Suellen Fernandes de Sousa UEMA

(estudante de Graduação de Pedagogia)

Aldy Mary Ilário da Silva UEMA

(estudante de Graduação de Pedagogia)

#### CARTOGRAFIA

Luís Augusto Pereira Lima UEMA/PNCSA

(mestrando em Cartografia Social e Política da Amazônia)

#### REVISÃO CARTOGRÁFICA

Carolina Silva PNCSA/UEA-PPGSCA/UFAM

#### GEOPROCESSAMENTO

Adaildo Pereira Santos GESEA/UEMA/PNCSA

(mestrando em Cartografia Social e Política da Amazônia)

Davi Pereira Júnior UEMA/GESEA/PNCSA

Tacilvan Silva Alves UEMA/GESEA

(estudante de Graduação em Ciências Sociais)

Elson Gomes UEMA (estudante de Pedagogia)

#### FOTOGRAFIAS E FILMAGENS

Davi Pereira Junior UEMA/GESEA/ASPA

Tacilvan Alves GESEA/UEMA

(estudante de Graduação em Ciências Sociais)

Elson Gomes UEMA (estudante de Pedagogia)

Adaildo Pereira Santos GESEA/UEMA/PNCSA

(mestrando em Cartografia Social e Política da Amazônia)

#### PROJETO GRÁFICO E EDITORAÇÃO

DESIGN CASA 8



## Terra Indígena Pindaré

“A Terra Indígena Pindaré está situada no município de Bom Jardim, fazendo limites com os municípios de Monção, Santa Inês, Tufilândia e Pindaré-Mirim. Atualmente é formada por sete aldeias: Piçarra Preta, Novo Planeta, Tabocal, Areião, Januária, Areinha, Aldeia Nova. A Terra Indígena compreende 15 mil hectares. Estima-se que a área seja habitada por cerca de 300 famílias.” MANUEL GUAJAJARA

“A primeira aldeia fundada foi a aldeia Januária, pelo meu avô Mané Viana. Faz parte de uma história, pra ir diretamente na fundação da aldeia Piçarra Preta, no período dele fundar a aldeia Januária, aí teve mudança de pessoal que veio de outras regiões e de outras aldeias que hoje não existe mais, Wanajá, Lagoa Comprida, é de várias aldeias que a gente não lembra mais, todos esses indígenas vieram dessas aldeias, agora por quê? Porque as terras deles na época foram tomadas pelos brancos. Como eles não tinham resistência pra lutar, pra defender suas terras, vieram pra aldeia Januária, aonde tava meu avô (...) vinha de cima do rio Pindaré correndo com medo dos índios Urubu, que na época era Urubu Kaapó, eles brigavam muito Guajajara, Guajá e Urubu Kaapó, e para ele não perder sua vida e das famílias que já estavam extinta.” PEDRO VIANA, 18 MAIO 2013

“A gente vive agora numa situação complicada. A gente diz que antigamente era melhor porque nessa época o Tirirical era da gente, ali não era povoado porque sabia que ali era tudo terra indígena mas depois que chegaram pra lá pronto. Ali na boca do igarapé do furo não existia aquelas casas ali.” RAIMUNDO NONATO GUAJAJARA, 08 JANEIRO 2014



Manuel Guajajara

“A terra e os Aretê dizia: ‘Quem é o dono da terra? Quem é o dono da terra, heim gente? Quem é?’”

PEDRO GUAJAJARA, DEPOIMENTO  
18 DE MAIO DE 2013



Pedra de marco da Terra Indígena

“Antigamente a pedra de rumo era bem ali depois desta pintada bem aí, cortava aqui, lá na frente colocaram uma placa aí pra frente e foram embora, de lá pra cá o índio se cruzou os braços, não sabe nem por onde é que foi demarcado, a primeira demarcação e aí hoje tá aí, e até hoje a gente tá perdido e não sabe nem onde é (...)” JOAQUIM – ALDEIA TABOCAL, 18 MAIO 2013



Entrada da aldeia Januária

“A terra e os Aretê dizia ‘Quem é o dono da terra? Quem é o dono da terra? Quem é gente? Quem fez foi Deus não é verdade. Deus é que é o dono da terra. Não é nem governador. Eles tem direitos porque eles são as leis. Por causa de que que o índio não tem direito? Não tem direito pra poder arrendar? Não tem direito de fazer nada! Porque nós somos só um vigia. Se nós não arrendar a terra os espertinho vão chegando. Porque o advogado tá aqui no meio de nós? Pra ver os Tenetehara. Pra dizer que os Tenetehara tem direito pra aqui. Por que nós não tem direito. Tem muita gente que diz que nós somo os dono do Brasil. Dono não! Era dono do Brasil. E tem muita gente por aí. Aqui tem quase mil pessoas só aqui. Fora Tabocal, Areião.” PEDRO GUAJAJARA – ALDEIA JANUÁRIA, 18 MAIO 2013

## Invasão e devastação

“Eles fizeram o igarapé do Limoeiro, ali foi manualmente mesmo, a fim de tomar a posse a fim de fazer a tapagem pra pegar o peixe, o limite ficou aqui, só que na verdade o limite é ali, onde corta a água. Eles cortaram lá e aqui secou né, aí ficou da gente pegar o peixe lá e eles disseram que lá não é área indígena, mas a gente já sentou pra falar sobre isso com advogado, por que o limite é onde existe a água. O igarapé é o limite da área indígena com o assentamento do INCRA.” PEDRO VIANA – CACIQUE DA ALDEIA PIÇARRA PRETA, 18 MAIO 2013

“O invasor, eles sempre tão invadindo essa área pra pescar, pra caça, pra botar gado né, principalmente no período do verão, aí a gente tá sempre reclamando, para eles não fazer isso, as vezes acontece da gente tomar o material deles e guarda né, canoa, motor (...) teve uma invasão lá, o pessoal tava invadindo , a gente foi pra lá, chegamos lá o pessoal tomaram a canoa do pescador com o motor e trouxeram né, aí que a gente diz que é área de conflito, aí a gente diz quando o pessoal ver grupos de pessoas assim andando pra banda de lá, já ficam disfarçados, a gente nunca anda pra lá só, então essas pessoas que a gente leva pra lá fora parte né ,é o nosso grupo tático (...)” ANÍSIO GUAJAJARA FILHO, 17 MAIO 2013

“Como vocês viram a distância daqui de onde nós vimos lá daquelas casas lá últimas da fazenda é bem pertinho, nessa fazenda, além do igarapé nos pertencer, os fazendeiros ainda não querem que a gente pesque lá no igarapé, por que dizem que lá eles protegem, mas as pessoas que protege somos nós, não deixa o branco entrar, mas mesmo assim quando a gente vai pescar lá, muitos amigos aqui já mandaram sair.” PEDRO VIANA GUAJAJARA, 18 MAIO 2013



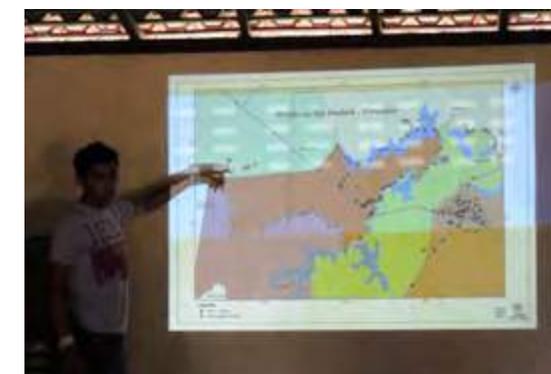
Pescadores ilegais na Terra Indígena

## De um lado pasto, de outro reserva: e a cerca?

“Tabocal é o último marco e daí é o caminho da Santa Luz. Nós andamos no meio da solta. Nós íamos seguindo a cerca e era só mato fechado. Nós vimos uma vastidão de solta. Foi no último marco. Foi onde a gente pegou outro caminho lá perto do pé de caju. Aqui tudo é pasto e aí nos cortamos pra cima.” ANTÔNIO FRANCISCO – ALDEIA TABOCAL, 09 JANEIRO 2014

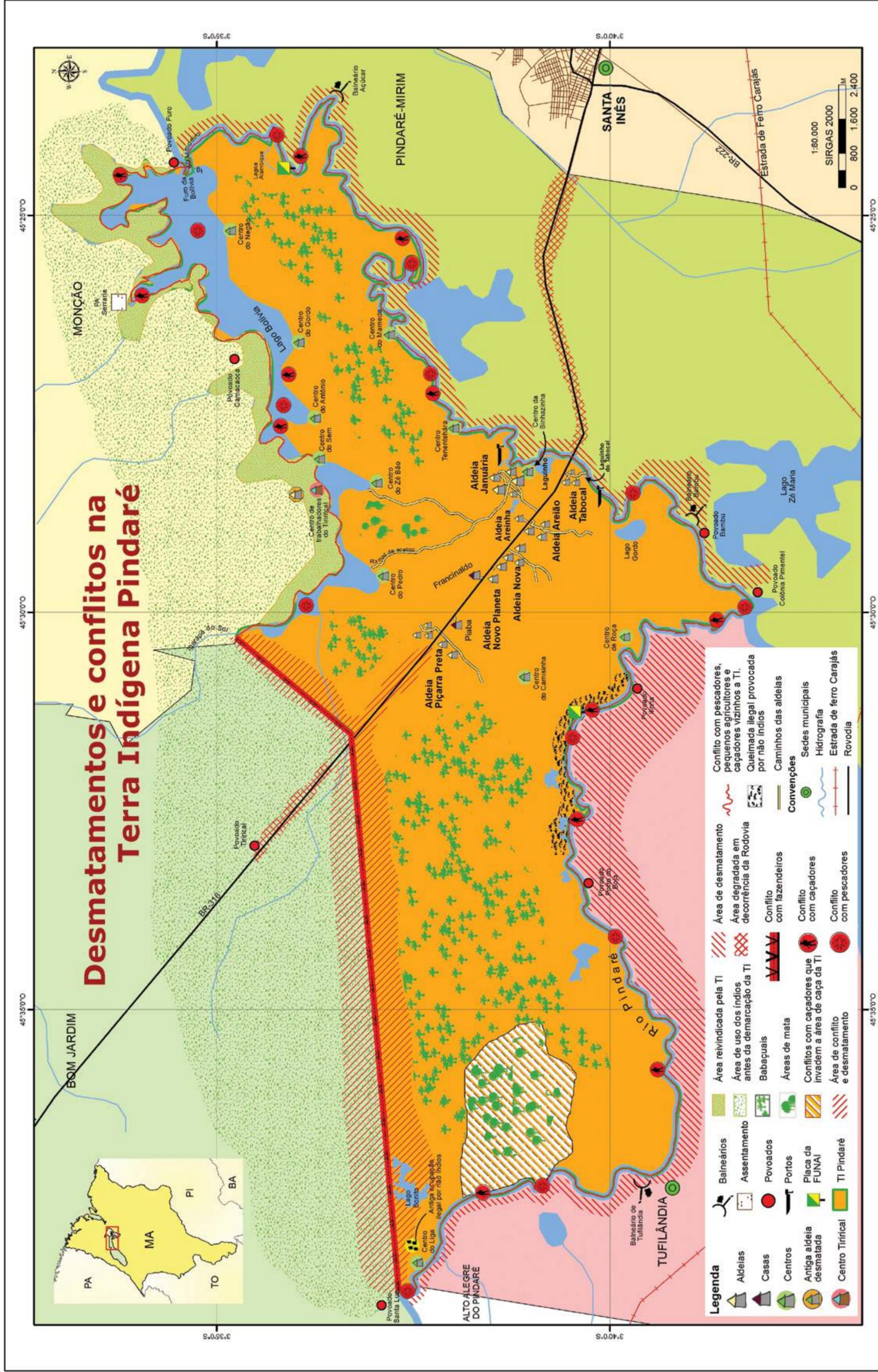
“Aqui não era assim não! por que eu conheci essa área que nós andamos muito... aqui tinha gente morando, aí nós dizia não, vocês não moram aqui, por que é nosso. Aí no tempo da demarcação pra homologar, aí não sei o que foi que aconteceu lá, que o chefe que era o chefe né, passou bem aí aberrando, cortando o Tirirical né, deixando nós só com o espinhaço, mas a nossa área passa lá na Nova Betel, aí está estreitando todinha aí e nós, eu vou pra cá o parente, rapaz, vamos aquietar aí, vou tirar um cipó, rapaz, pra cá tá tudo cheio, nós estamos só com esse pouco aqui. Agora depois que nós fomos na Santa Luz, que lá tem um igarapé da água preta, quem barrava a água era nós aqui da Januária, aí tinha o ponto de lancha, que era o ponto da luz, e pra cá tem o Maracajá, aí vem o centro dos Carneiro e foi tudo gabarito, Santa Luz, Centro do Bastião, Limoeiro, aí vem de lá pra cá o bueiro, aí tá tudo limpo né, aí os caras mora lá bem por aí, não sei o que aconteceu, por que a gente tem o mapa, o mapa que constava, por onde é, e agora!

Os invasores arrancam os marcos, eles tem raiva. Eles arrancam e até por cima a gente vê tudinho. Lá onde eu tô falando é em cima da Santa Luz. É uma área só comprida, mas não é larga (...) Eles estavam no centro do Maracajá e entraram subindo o rio (...) essa mata não era pra tá assim não! Porque pelo tempo da demarcação era pra tá mata fechada. E porque tá tudo ruído assim. (...) nós já tamo é cansado. Porque já tá fazendo um mapa de novo? Aí eles dizem que o índio é que é violento, mais não é. Nós já temos um mapa e agora a gente tá fazendo outro mapa?” DOMINGOS GUAJAJARA – ALDEIA AREINHA, 09 JANEIRO 2014



Antônio Francisco – aldeia Tabocal, Oficina de mapa

# Desmatamentos e conflitos na Terra Indígena Pindaré



**PROJETO NOVA CARTOGRAFIA SOCIAL DA AMAZÔNIA**  
 Mapeamento Social como instrumento de gestão territorial contra o desmatamento e a devastação:  
 Processos de capacitação de povos e comunidades tradicionais

**UEA**  
 UNIVERSIDADE DO ESTADO DO AMAZONAS

Equipe de pesquisa:  
 Davi Pereira Júnior, Adalberto Pereira dos Santos,  
 Heliciane de Fátima Abreu Araújo, Benjamin Alvino Mesquita, Luciana Ralzu Cunha Alves, Danilo da Conceição Serejo Lopes, Gardênia Mota Ayres,

Grupo de Pesquisa Socioeconômico da Amazônia  
 Elson Gomes da Silva, Tacilvan Silva Alves,  
 Cíciliane Costa França, Francisca Stuellem Fernandes de Sousa, Reyllane Lucena Santos,  
 aldeias da TI Pindaré: Januária, Tabocal, Areião, Areinha, Nova, Novo Planeta e Piçarra Preta.

**FUNCO**  
**AMAZÔNIA**  
 BNDES

Fonte:  
 Croquis das aldeias da TI Pindaré, dezembro de 2013  
 pontos coletados com GPS, IBGE 2011, FUNAI 2009,  
 ANA 2008, Ministérios dos Transportes 2010.  
 Cartografia:  
 Luís Augusto Pereira Lima (PNCSA-UEA, PPGCSA-UEMA)

Programa de Pós-Graduação em **Cartografia Social** e Política da Amazônia



**Pedra de demarcação e estrada construída por fazendeiro dentro da Terra Indígena**

“Até a margem onde a água pega aí do lado de lá a gente diz é terra indígena onde a água lavra, aí decreto diz que já pelo o nível do Igarapé, aí a gente vem se criou né e tal, aí sentado com o Pelé bem aqui, o mais velho pega qualquer mais velho aqui da aldeia, que tem já 90 anos, 80 anos, leva pra ir que vai dizer que andou por aqui, aqui tinha parente nosso morando por aqui, tinha roça por aqui nós pescava bem aqui, lá longe nosso tempo era aqui, aí ao onde vai, é cerca já feita já é casa.” JOSÉ CARLOS GUAJAJARA – ALDEIA GUAJAJARA

“Nós ficamos defendendo uma terra que não é nossa, nós perdemos quantas e quantas vidas, parentes nossos que já morreu por causa de terra em conflito por terra, por causa de uma coisa que não é nossa. Porque quando eles chegaram já e encontraram nossos avós. O direito é nosso! Nós briga por causa de terra, e hoje nós estamos aqui brigando, cobrando e nós somos desassistido.” EZEQUIEL VENTURA GUAJAJARA – ALDEIA PIÇARRA PRETA

“Uma vez eu ouvir dizer que tiraram a pedra do lugar. O pessoal tiraram a pedra do lugar e colocaram onde ela se encontra agora.” REGINETE VIANA GUAJAJARA – ALDEIA PIÇARRA PRETA, 09 JANEIRO 2014

## Avanço sobre a área



**Lago Bolívia, Terra Indígena**

“O lago Bolívia todo mundo só olha aqui. É um espaço onde tem muito peixe e aí os pescador vem todo lugar pra cá. Quando o inverno é grande, tem muito peixe, é de noite é dia. Tem vez que a turma (índios) toma canoa de motor lá dentro, a gente não deixa mexer porque lá que é a fonte maior do mesmo.” RAIMUNDO NONATO GUAJAJARA – ALDEIA JANUÁRIA

“No passado quando meu avô era vivo, a terra tinha 60.000 hectares, aí ela foi reduzindo para 15.004 hectares, hoje nós sentimos situação assim, pra nós indígenas como a população tá crescendo, hoje o estado da área pra nós é pequeno.

Da forma que os fazendeiros querem, a gente já vai perder, ou já estamos perdendo né, é que tem naquela fazenda um arame reberrando o igarapé, isso não tá certo, o último levantamento que fizeram, já esse arame já fica dentro da reserva, então como a gente vai fazer pra tirar esse arame de lá!” PEDRO VIANA – ALDEIA PIÇARRA PRETA

“Aqui quando demarcaram aí, junto com o prefeito de Bom Jardim, foi ele que disse que foi prefeito de Bom Jardim quem colocou o primeiro pau ali, dizendo: rapaz vamos logo antes que os índios se arrependam! Agora que índio foi esse que acompanhou essa demarcação? Por que nós não acompanhamos, por que nós era tudo pequeno. Eu já era grande, eu já acompanhei já com a Lei.” LUCINALDO VIANA GUAJAJARA – ALDEIA AREINHA



**Assentamento Serraria dentro da antiga área Indígena – Conflito no lago Bolívia**



**Fazenda dentro da Terra Indígena**

## Reivindicações da área indígena

“Mais em 88 o grande marco foi a Constituição que para os povos indígenas, porque ali muitos indígenas morreram, lutaram para garantir aqueles dois artigos que se refere a nós povos indígenas que estão muito bem ali, bem bonitinho lá, ali lindos e maravilhosos, mas só ali no papel, mas na realidade eles não funcionam. Mais o que eles fazem de lá pra cá? É sempre criando leis que a gente vê que estão aí. Tem aí a PEC 215 é um, projeto de interação 1610, a Portaria 303 e outros mais, todos esses projetos e essas leis só visam a questão territorial. Todos esses é pra derrubar, pra tirar nossos direitos. Eles estão sempre procurando alguma brecha lá dentro da Constituição que poderia ser diferente. Eu penso assim! Que poderia ter alguma coisa pra nós, que favorecesse nós povos indígenas, mas eles só fazem coisa que prejudicam povos indígenas. É uma pena que nós não temos conhecimento, é como eu costume dizer, pra mim, por isso nós estamos assim.” ROSILENE CARAGIU GUAJAJARA – PROFESSORA DA ALDEIA JANUÁRIA



Antônio Francisco Silva, Roberto Tembê, Carlito Viana Guajajara, Manoel Guajajara, Júlio Cesar Pereira Guajajara, Lucinaldo Viana Guajajara, Sergio Viana Guajajara, Getúlio Caragiu Guajajara

“Eu falo na minha língua, eu canto na minha língua pra eu não esquecer da minha cultura. Minha cultura. O caraí não esquece de fazer boiada, num esquece de fazer o carnaval porque que os Tenetehara tem que esquecer sua cultura, vai esquecer? Eu acho que não, né gente? Eu não sei mais eu acho que não!” PEDRO GUAJAJARA – ALDEIA JANUÁRIA

“Hoje o índio tem muito contato com a sociedade branca, tem muito contato com não índios. Tem uma mistura danada. Será que é por isso que os nossos jovens não querem mais falar? Porque hoje o próprio índio diz assim: eu não sei falar a língua. Pra mim é que decepção! Que vergonha de nós ser um, povo diferenciado, de língua diferente, e nós dizermos que eu não sei falar a língua.” EZEQUIEL VENTURA GUAJAJARA – ALDEIA PIÇARRA PRETA

“Eu fico prestando atenção e vejo como nossa área era grande e de lá pra cá aonde tá hoje? Tá bem aqui quinze mil hectares os cara ainda querem reduzir a área se aí? Esse pessoal que estão aqui, vão morar onde? Vai trabalhar de que? Quando quiser trabalhar não tem lugar pra trabalhar e nós vamos viver de que? Eu acho que uns dois ou três dias eu acho que a gente tem que sentar e pensar as coisas direitinho, porque essas coisas de terra pra gente não sei não!” JOSÉ CARLOS GUAJAJARA, 17 MAIO 2013

## A aldeia não é lixeira

“Para nós indígenas, a questão do meio ambiente é muito forte (...) quando se fala em meio ambiente é um tema bem abrangente (...) preservação do meio ambiente uma preocupação para nós indígenas, a questão do lixo, que é uma discussão que já se fez uma discussão nas aldeias,

principalmente na escola, porque começa pela escola e a escola tenta colocar para a comunidade (...) nossa comunidade indígena, uma comunidades de sete aldeias na região, 900 pessoas, então esses indígenas sai das aldeias e vem fazer compra em Santa Inês, que é mais perto. Aí as pessoas levam para aldeias, sacolas, refrigerante, são coisinhas pequenas que tá gerando um grande problema para a gente, porque aí na aldeia era uma coisa mais difícil era a gente ver uma lata, um copo descartável e hoje a gente já ve as coisas espalhadas e isso tá causando problema para a gente. Então a gente fica preocupado com essa questão (...) Então estamos preocupado com o meio ambiente, a questão do nosso rio, porque a gente ama, a gente sente como se fosse nosso, o rio Pindaré, a gente tá preocupado porque as pessoas que moram ao redor, que tem bares, está jogando muito lixo no rio Pindaré e as vezes ficam presas nas aldeias, aí é passado que os indígenas estão jogando lixo. A aldeia não é lixeiro não.”



Indígenas no curso de Legislação ambiental e Direito territorial

## Desmatamento na beira dos rios e destruição dos lagos

“Então nos preocupamos muito, desmatamento, algumas lagoas que ficam às margens do rio já chegaram a ser aterradas porque tem algumas margens do rio que foram desmatadas. Tem o desmatamento nas beiras dos rios, o rio Pindaré não serve somente aos indígenas, mas serve praticamente para todos nós que moramos na região, principalmente para os ribeirinhos, algumas lagoas que tinham muito peixe estão sendo aterradas, tem alguns trechos que só se atravessava de canoa e agora se atravessa com a água na cintura (...) o rio está aterrando, porque se corta as árvores a gente está preocupado, a gente tem feito algumas apreensões.” JOSÉ CARLOS GUAJAJARA NO II SEMINÁRIO POLÍTICAS AMBIENTAIS EM PINDARÉ, 05 JUNHO 2013

## Educação e tradição

“A educação inicial foi promovida pela Funai, eram professores brancos, da FUNAI, aí passou para o Estado a responsabilidade da Funai, e os professores eram também não-indígenas, fazendo uma avaliação era muito mais precária, por exemplo, naquela época todas as aulas eram ministradas em português, isso contribuiu muito para que nossos filhos e netos tenha uma carência muito grande em relação aos conhecimentos indígenas, a própria língua indígena, porque as aulas eram dadas só em língua portuguesa, a partir de 2005, a gente começou a articular e conseguimos colocar a língua indígena como disciplina e também a disciplina Direitos indígenas e a gente na



Rosilene Caragiu Guajajara, professora de direitos indígenas da Aldeia Januária

escola trabalha muito isso, essa coisa de preservar e valorizar nossa tradição, nossa língua, para a gente não perder, se eu disser que a comunidade inteira fala a língua indígena eu estou mentindo (...) mas a maioria fala, uns tem vergonha de falar, principalmente os jovens, muitos deles que entendem a língua indígena, mas não falam, não sei se é vergonha, outros falam, principalmente o mais velho e aí a gente vai tentando melhorar cada dia mais.” ROSILENE CARAGIU GUAJAJARA – ALDEIA GUAJAJARA, 09 JANEIRO 2014

“O ensino está melhorando, mas não nas pessoas que podem ajudar, o governo através da secretaria da educação não ajuda tanto assim com recurso, ônibus e merenda escolar é muito difícil. O município da gente nunca fez nada neste sentido. Para mim está melhorando porque são professores de Santa Inês, pessoas mais esforçadas, tem professores indígenas, um fato que tem ajudado muito... tem que estudar a língua indígena, tem professores de matemática (...) mas acrescentou uma a mais, a língua indígena.” ANTÔNIO FRANCISCO SILVA – ALDEIA TABOCAL



Escola da Aldeia Piçarra Preta



Escola da Aldeia Areião



Participantes do Curso de Legislação Ambiental para Povos de Comunidades Tradicionais

indígenas que era para fazer melhor, as vezes deixam a desejar aí. Falta medicamentos e equipamentos adequados para atender todas as demandas (...) porque muita coisa que daria para resolver ali, mas todas vezes tem que levar para a cidade porque só na cidade tem o equipamento adequado para fazer o serviço. A gente não vai culpar a enfermeira, a gente sabe que eles estão aqui para fazer apenas o trabalho dessa gente sabe que o órgão que é responsável ela saúde não está aplicando os recursos como deveria ser, a gente sabe que tem recursos para isso.” ROSILENE CARAGIU GUAJAJARA – ALDEIA JANUÁRIA, 09 JANEIRO 2014

Mediante os desmatamentos e a devastação os participantes da Oficina de mapas marcaram bem as palavras sínteses de José Carlos Guajajara:

“Nosso direito é violado, negado pelos próprios, pelas próprias autoridades, porque a injustiça parte de dentro da justiça e hoje o índio briga, o índio reivindica seus direitos e ele não é ouvido.” JOSÉ CARLOS GUAJAJARA, 17 DE MAIO DE 2013

## Saúde

“A saúde está totalmente desorganizada, temos esse polo que atende os indígenas do Pindaré, Awa Guaja e do Caru, tem agora um médico da presidenta, tem também a enfermeira chefe, que passa de 15 dias de folga vive de licença. Eu acho que tem que melhorar, porque é precário, o posto de saúde precisa de uma reforma e ser equipados, aí tem uns agentes de saúde que é para ajudar, muitos deles desenvolvem, outros não, aí fica difícil, porque o branco já não faz aí os

### CONTATOS

ASSOCIAÇÃO DE PAIS E MESTRES INDÍGENAS GUAJAJARA - APMIG  
Aldeia Januária BR 316  
ass\_januaria@hotmail.com  
telefone (98)3653-8858

ASSOCIAÇÃO INDÍGENA COMUNITÁRIA MAINUMY - AICOM  
Aldeia Januária BR 316  
telefone (98)3653-8858



PROJETO

# Mapeamento Social

TERRA INDÍGENA PINDARÉ:  
PIÇARRA PRETA, NOVO PLANETA,  
TABOCAL, AREIÃO, JANUÁRIA,  
AREINHA E ALDEIA NOVA

- 1 Comunidade do Paraizinho – Humaitá AM
- 2 Nossa Senhora Auxiliadora – Humaitá AM
- 3 Bom Jardim – Benjamin Constant AM
- 4 Quilombolas do Rio Andirá – Barreirinha AM
- 5 Quebradeiras de Coco Babaçu e Agroextrativistas do Sudeste do Pará
- 6 Terra Indígena Pindaré – Bom Jardim MA



PROJETO EXECUTADO COM RECURSOS DO

REALIZAÇÃO

APOIO

Agência Brasileira do Sítio



TERRA INDÍGENA PINDARÉ  
ALDEIAS: JANUÁRIA, TABOCAL,  
AREINHA, AREIÃO, PIÇARRA  
PRETA, NOVA PLANETA  
E ALDEIA NOVA

